

# DESINFORMAÇÃO

*A população geral não sabe o que está acontecendo,  
e eles nem sequer sabem que não sabem.*

Noam Chomsky

**LEONARDO BARBOSA CABRITA\***  
Suboficial (FN)

---

## SUMÁRIO

Introdução  
Desinformação  
Conclusão

## INTRODUÇÃO

O mundo passou por uma volumosa enxurrada de transformações. Vivemos hoje com perspectivas de mudanças históricas e projeções grandiosas nas áreas de tecnologia, ciências e inovações. Nas últimas décadas, os países se conectaram em aldeias globais, por novos meios de divulgação da informação, surgidos principalmente com o advento da internet e das plataformas de mídias sociais com uma gama de servidores: Google, Apple, Facebook, Twitter, *blogs*,

YouTube e Instagram. Estes alimentam um grande sistema intimamente ligado, permitindo conhecimento de todas as naturezas e acarretando um volume de informações tanto positivas quanto negativas, colocando o telespectador, o ouvinte e o leitor na vanguarda da descoberta e distribuição de conteúdo, tornando-os colaboradores na produção de informação.

Este artigo tenta fazer uma exegese do tema, sua origem e sua história, com a principal finalidade de transmitir a impressão de que os fatos (informações)

---

\* Pesquisador independente. Graduado em História pela Universidade Estácio de Sá. Especialização em História Contemporânea e em Relações Internacionais pela Universidade Cândido Mendes.

e os *insights* (entendimentos) são coisas facilmente distinguíveis entre si. É bom lembrar que desinformação é uma técnica de engenharia social, uma forma eficaz para se obter vantagem em conflitos e promover interesses, o que é muito relevante nos dias de hoje. Estamos falando de um meio muito utilizado por departamentos de Defesa e pelos possantes órgãos de produção de informações, com o intuito de manter e ampliar a influência de poder na vida dos Estados.

Escrever sobre desinformação ainda é uma tarefa difícil, devido ao relativo desconhecimento do assunto. Não basta simplesmente saber que a desinformação existe, é preciso entender o processo e como este realmente funciona. A desinformação impactou o mundo que se descortinava a partir da Segunda Guerra Mundial. O assunto é muito parecido com outros ramos da comunicação e se confunde com a propaganda e as notícias falsas, as *fake news*.

A pesquisa nasceu de natureza exploratória, fruto de acompanhamento da mídia, reflexões sobre o tema e análise de conteúdo bibliográfico. O trabalho possui limitações consideráveis quanto à profundidade do estudo realizado, devido ao assunto compreender algo que se mascara entre os meios legais, como enorme catalisador e difusor de informações. Por fim, países de primeiro mundo e países que almejam essa posição não abrem mão dessa importante técnica para alcançar seus interesses.

## DESINFORMAÇÃO

Existe um processo civilizatório em curso, e a sociedade precisa de controle. Isso acaba terminando em conflitos, revoluções ou até mesmo guerras. Seria imprudente negar ou mesmo subestimar que o século XX produziu profundas mudanças na estrutura sistêmica do cenário da política e da vida humana. Em suma, o desenvolvimento empurrou o mundo inevitavelmente em direção a rivalidades entre os Estados, expansões imperialistas, competições econômicas, conflitos e guerras.

O advento da Revolução Industrial acabou gerando competições por mercados e capitais, fortalecendo o nacionalismo dos países e seus conjuntos de tradições, que levariam a uma suposta superioridade na história mundial. Com a deflagração da Primeira Guerra Mundial, as informações

**Desinformação é uma técnica de engenharia social, uma forma eficaz para se obter vantagem em conflitos e promover interesses**

militares tiveram um papel tímido, pois a classe militar ainda se encontrava sob forte influência doutrinária de Clausewitz, para o qual não havia outro propósito da guerra senão destruir as forças principais do inimigo no campo de batalha.<sup>1</sup> Nesse período, a guerra se limitava somente ao campo de batalha, sendo o acesso à informação ainda tímido.

A Revolução Russa de 1917 descortinava uma mentalidade de caráter econômico e social e uma infusão de ideias radicais, oriundas da Revolução Francesa. Basta observar que os dois maiores protagonistas do Outubro de 1917, Lenin e

1 WOLOSZYN, André Luís. *Guerra nas sombras: os bastidores dos serviços secretos internacionais*. São Paulo: Contexto, 2013, p. 28.

Trotsky, tiveram profundo conhecimento dessa revolução que permitiu a ambos elaborarem suas respectivas teorias revolucionárias. Esse movimento, decorrido de fatores domésticos, elencava reivindicações do sistema vigente em seu próprio país, formado pelos proprietários de terras e os camponeses. O advento da Revolução Bolchevique culminou na deposição dos Romanov, a dinastia reinante. O eco dos estilhaços reverberou como um trovão. O poder foi assumido por insistência, com as revoltas populares sendo convertidas em reivindicações das massas, que iram se tornar permanentes ao longo do século XX. O contínuo processo histórico inicia uma luta perene entre classes sociais, marcada por violentos contrastes e desgastes do tempo e das insatisfações acumuladas.

Foi na Rússia de Vladimir Ilyich Ulianov, mais conhecido pelo pseudônimo Lenin, que se criou o termo *desinformátsya* para se referir à manipulação de informações com fim de influenciar. Com isso, a desinformação foi estendida sistematicamente para o campo das estratégias política, cultural e educacional, fundamento de toda política de governo. Lenin tinha por meta criar um clima favorável a seus anseios, interno e externo, sobretudo porque considerava que a desinformação poderia minimizar o uso da luta armada, fortalecendo aliados e enfraquecendo opositores.

Na Segunda Guerra Mundial (1939-1945), houve uma evolução dos serviços

de inteligência, e a desinformação ainda era algo do ambiente interno da União Soviética. Enquanto isso, a propaganda foi aprimorada e ocupou papel relevante entre os Estados beligerantes. As atividades de propaganda e informações deram um imenso salto qualitativo, passando a ser consideradas uma ferramenta estratégica no processo decisório das nações envolvidas. Esta prática de anunciar, propagar ideias sobre determinado produto, serviço, instituição, campanha política ou crença estava ligada a uma área estratégica, sempre com o propósito de influenciar e persuadir o público sobre determinado assunto ou para apoiar uma causa em particular, tornando-se

comum na Alemanha graças a Joseph Goebbels, ministro da propaganda no governo nazista. A propaganda política patrocinada pelo Estado, quando apoiada pelas classes instruídas, não

dá espaço para ser contestada, gerando consequências importantes. Foi uma lição aprendida por Hitler e por muitos outros e que tem sido adotada até os dias de hoje.<sup>2</sup>

Estamos falando de uma estratégia bastante antiga, mas longe de estar ultrapassada. O termo propaganda deriva do latim *propagare*, ou seja, “difundir”. O emprego desse recurso ganhou notoriedade no século XVII, em nível institucional, com a criação da Congregatio dela Propaganda Fide (Congregação para Propagar a Fé) pelo Vaticano, que tinha como finalidade levar a fé cristã a todo o mundo conhecido. Nas décadas seguintes, a propaganda se

## **Na Rússia, criou-se o termo *desinformátsya* para se referir à manipulação de informações com fim de influenciar**

2 CHOMSKY, Noam. *Mídia: Propaganda política e manipulação*. 1ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013, p. 7.

reinventou nos mais variados formatos com o propósito de fundamentar posições políticas e orientar a opinião pública.

A vasta experiência obtida nesses dois grandes conflitos levou alguns países a investir pesadamente na modernização de seus serviços de informações, além de incrementá-los nas Forças Armadas. Com a nova configuração da política internacional, também houve uma reformulação dos aspectos doutrinários, especialmente no que se refere a objetivos no campo da espionagem.<sup>3</sup>

O encerramento da Segunda Guerra Mundial assinalou a decadência das antigas potências europeias e o surgimento dos Estados Unidos da América (EUA) e da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) como novas superpotências mundiais, sobretudo durante a Guerra Fria. O sistema internacional organizou-se em torno de dois grandes blocos, capitalista e comunista, com expansão para outros continentes. As novas superpotências sedimentaram um confronto global que se estendeu para diversos planos: político, econômico, diplomático, ideológico, de propaganda e de estratégia militar. A permanente tensão entre elas marcou um confronto ideológico e uma luta de poder, adquirindo dimensões multifacetadas, com enormes transformações no século XX, estendendo-se até os dias de hoje.

No decorrer da história, muitos países, durante tempos de guerra, se valeram de várias técnicas para enganar o inimigo acerca de suas verdadeiras intenções. Dentro desse engodo, entre guerras e revoluções, a desinformação ocupou um papel muito relevante, sobretudo durante o período da Guerra Fria. A desinformação está profundamente enraizada na Rússia,

sendo uma questão de grande capacidade técnica que se denominava especificamente “ciência da desinformação”.

O líder militar do império russo, Grigori Alexandrovich Potemkin (1739-1791), ajudou a governar a Rússia por 17 anos. Em 1787, Potemkin programou para a Imperatriz Catarina II, a Grande (1729-1792), uma grande visita às terras recém-adquiridas da Crimeia, região que havia sido devastada pela guerra. Uma das principais tarefas de Potemkin foi reconstruir essa região e levar colonos russos para habitá-las.

Potemkin armou um espetáculo sem precedentes, e por todo o caminho da comitiva real, de Kiev a Sevstopol, foram alinhadas casas, lojas e igrejas, entre outros itens, tudo feito em madeira e papelão de fachada, bem como crianças brincando pelas ruas, gado pastando nos campos e homens vestidos de camponeses felizes e agradecidos, que aclamavam as barcaças reais russas e saudavam Catarina, a Grande. Tudo isso era feito para dar um ar de prosperidade ao lugar, e, assim que a comitiva passasse, o cenário era desmontado e levado para outro local a fim de ser preparado para a passagem seguinte de Catarina. Porém a lenda permaneceu, e hoje em dia o termo “Aldeias de Potemkin” passou a significar qualquer construção enganosa ou falsa destinada a enganar as pessoas, para que pensem que uma situação é muito melhor do que é na realidade.

Séculos depois, todo esse processo veio a ser desmistificado pelo Tenente-General Ion Mihai Pacepa, pessoa de alta patente dentro do bloco soviético e um importante general da temida polícia secreta Securitate, braço romeno da KGB na época da Guerra Fria, que detalhou

3 WOLOSZYN, André Luís. *Guerra nas sombras: os bastidores dos serviços secretos internacionais*. São Paulo: Contexto, 2013, p. 32.

o que conhecemos hoje como desinformação. Desinformar (*dezinformatsiya*) é uma ferramenta secreta de inteligência, usada com a finalidade de outorgar uma chancela ocidental, não governamental, a mentiras de governo.<sup>4</sup>

Por muito tempo como chefe da KGB, Yuri Andropov parece um verdadeiro aficionado da *dezinformatsiya*. Conhecido como mestre do engano, ele disse uma vez: “se uma boa desinformação é repetida vezes e vezes, depois de um tempo ganhará vida própria e irá, sozinha, gerar uma horda de advogados involuntários, mas apaixonados”<sup>5</sup> – uma espécie de cultura da mentira e da arte em dissimular. A Rússia, precursora nessa área, a praticava com o intuito duplo de prejudicar e enganar, além de desorientar a capacidade de julgamento e de decisão. Esta desorientação é realizada por ações e atos, ou seja, iremos confundir e iludir nossos alvos. Portanto, a desinformação é uma ação intencional com o propósito de induzir ao erro na tomada de decisão.

A desinformação foi substancialmente se aprimorando e tomando maiores proporções em termos de influenciar e difundir ideias. No período da Guerra Fria, os serviços de inteligência das superpotências utilizaram a desinformação em escala mundial, buscando conquistar aliados nos diferentes setores sociais. Uma maneira que o bloco capitalista encontrava era causar medo na população sobre o domínio do comunismo, e o lado comunista encontrava uma maneira de alertar sobre as mazelas do capitalismo.

Foi durante esse período que o líder do Kremlin começou a pensar seriamente em

dominação mundial e em melhorar a organização e os encargos de seu serviço de inteligência estrangeiro. Em qualquer outro lugar do mundo, serviços de inteligência estrangeiros estavam, em primeiro lugar, dedicados a coletar informação para ajudar seus chefes de Estado a conduzirem as relações exteriores. Mas na Rússia, e mais tarde por toda a esfera de influência russa, essa atividade sempre foi mais ou menos irrelevante. Nesse país, pretendia-se manipular o futuro, não apenas aprender sobre o passado. Em específico, a ideia é fabricar um novo passado para alvos inimigos, a fim de alterar o modo como o mundo os percebe.<sup>6</sup> Essa tática russa de não atacar frontalmente se mostrou um meio indireto de confundir os inimigos do Kremlin. Existia uma condição principal para que a desinformação obtivesse sucesso: a de que a notícia deveria sempre ser construída em torno de um “cerne de verdade” que lhe emprestaria credibilidade.<sup>7</sup>

O aumento inegável e generalizado dos países mais ricos a partir de 1980, com o diagnóstico de crise do comunismo realmente existente, resultou em uma grande transformação na economia e na política internacional. Foram criados o Consenso de Washington, em 1989, e a Nova Ordem Mundial, com seu conjunto de propostas alicerçadas nas políticas neoliberais, com várias medidas econômicas, as quais garantiam, entre outras coisas, o desenvolvimento social dos países latino-americanos, todas voltadas para uma globalização dos mercados. Essas políticas econômicas liberais passaram a ser sugeridas e aplicadas para acelerar o

4 PACEPA, Mihai Ion e RYCHLAK, Ronald J. *Desinformação: ex-chefe de espionagem revela estratégias secretas para solapar a liberdade, atacar a religião e promover o terrorismo*. Campinas, SP: Vide Editorial, 2015, p. 69.

5 Idem, p. 301.

6 Idem, p. 33.

7 Idem, p. 73.

desenvolvimento de vários países. Neste contexto, com declinações em várias áreas do socialismo, todos os símbolos, imagens e nomes de grandes lideranças desse movimento ideológico definidos pela história foram definindo no alvorecer de dezembro de 1991, com o colapso da União Soviética.

Em décadas seguintes foram elaboradas estratégias de manipulação das massas pelos meios de comunicação, facilitando assim o controle da opinião pública para as práticas adotadas pelos modelos neoliberais, que acabaram por conduzir os rumos sociais a partir dos interesses econômicos. Uma grande parte do mundo aderiu aos meios digitais, alterando padrões e processos de criação, distribuição e consumo de notícias e, substancialmente, a um grande canal de propagação das técnicas de desinformações.

A desinformação pode impactar significativamente o debate público, colocando riscos à forma de governo vigente. No final do século XX, as democracias em geral superaram as ditaduras porque são melhores no processamento de dados. A democracia difunde o poder para processar informação, e as decisões são tomadas por muitas pessoas e instituições, enquanto a ditadura concentra informação e poder num só lugar. Dada a tecnologia do século XX, seria ineficiente concentrar informação e poder demais num só lugar. Ninguém tinha capacidade para processar toda a informação com rapidez suficiente para tomar decisões corretas.<sup>8</sup>

---



---

**Uma grande parte do mundo aderiu aos meios digitais, alterando padrões e processos de criação, distribuição e consumo de notícias**

---



---

A democracia em seu formato atual não será capaz de sobreviver às fusões tecnológicas da informação. Ou a democracia se reinventa com sucesso, numa forma radicalmente nova, ou os humanos viverão em ditaduras digitais.

Para formulação e condução de suas políticas nacionais, os governos precisam saber o que se passa com os demais países: suas ambições; perfis psicológicos, históricos e bibliográficos; detalhes reservados da vida dos membros da classe política e empresariado; informações sobre economia, recursos naturais, pesquisa e desenvolvimento tecnológico; extensão do poderio militar; quais os grupos interno e externo do país que lhes são simpáticos ou antagonísticos; e todo um conjunto de informações, importantes em algum momento do processo decisório, que não estão disponíveis com facilidade.

Essa nova conjuntura nos deixa extremamente inseguros e fragilizados. Uma enorme quantidade de dados gerados por todos os dispositivos conectados à internet com altíssima velocidade vem sendo processada e armazenada, ganhando um termo conhecido como Big Data. Em 2010, o australiano Julian Assange, fundador do *site* WikiLeaks, divulgou documentos e materiais que mostravam a atuação de tropas dos EUA no Iraque e no Afeganistão e também comunicações entre diplomatas e, em 2016 publicou milhares de *e-mails* do comitê do Partido Democrata. Outro caso foi o do ex-técnico da CIA Edward Snowden, acusado de

<sup>8</sup> HARARI, Yuval Noah. 21 lições para o século 21. Companhia das Letras, 2018. Tradução de Paulo Geiger, p. 80.

espionagem por vazarem informações sigilosas de segurança dos Estados Unidos e revelar em detalhes alguns dos programas de vigilância que o país usa para espionar, utilizando servidores de empresas como Google, Apple e Facebook. Ele mostrou ainda que os EUA monitoraram atividades de outros países e de seus líderes, entre eles o Brasil, incluindo o caso da ex-presidente Dilma Rousseff.

No livro *1984*, o escritor inglês George Orwell conta a trama de uma sociedade altamente controlada e vigiada por meio de câmeras e televisões por toda parte, projetando um diagnóstico ao citar que o mundo caminha para uma ditadura sofisticada e tecnológica, em que qualquer pensamento do homem comum poderia ser ouvido para atender às ideologias do poder. Em produções como os documentários “Privacidade Hackeada” e “O dilema das redes”, especialistas em tecnologia e profissionais da área fazem um alerta de que as redes sociais podem ter um impacto devastador sobre a democracia e a humanidade.

A Guerra Fria realmente acabou, mas, diferentemente de outras guerras, não terminou com o inimigo derrotado depondo suas armas; nada mais foi do que uma grande operação de inteligência, considerada o período de ouro da atividade de informações. Já no século XXI, a Guerra Fria se reinventa por outros meios. Nessa guerra, a vertente informação ultrapassou o aspecto das ações militares, migrando para os campos técnico-científico e político-ideológico.<sup>9</sup> Há evidências de que a Rússia sempre foi particularmente ativa nessa área. Parece uma herança da velha União Soviética estar no DNA dos serviços de Inteligência de Moscou o gene da ousadia

e eficiência de aperfeiçoar sua capacidade de coletar dados, treinar agentes de influência e investir pesadamente nos serviços da espionagem. Neste sentido, indica-se que todo esse processo, que permeia os campos da desinformação, propaganda e *fake news*, é oriundo da Rússia com a sua política de expansionismo de maneira velada, que provoca grandes impactos por meio da manipulação das massas.

Prova disso é que foi revelado, em 2014, um conjunto de escritórios de pesquisa na internet localizado em São Petersburgo e conhecido como “fábrica de mentiras”. Sua missão é espalhar boatos, pela comunicação via *internet*, favoráveis ao Kremlin. No entanto a internet e principalmente as redes sociais servem como ponto de encontro e base de formação de comunidades *online*, uma grande fonte de informação que ecoa como um megafone. É de conhecimento do senso comum que a internet é o centro do “boca a boca”, aquele boato que vai de uma pessoa a outra de maneira muito rápida. Logo, a desinformação torna essa plataforma uma grande propagadora das suas técnicas.

Os motivos para que sejam criadas notícias falsas são diversos. Em alguns casos, elas podem ser usadas apenas para gerar boatos e reforçar um pensamento por meio de mentiras e da disseminação de ódio. Dessa maneira, prejudicam-se pessoas comuns, celebridades, políticos e empresas, alcançando milhões de usuários. As conhecidas *fake news*, uma extensão da desinformação, são publicadas por veículos de comunicação como se fossem informações reais. São tipos de textos, em sua maior parte feitos e divulgados com o propósito de legitimar um ponto de vista ou prejudicar uma pessoa ou grupo. As

9 WOLOSZYN, André Luís. *Guerra nas sombras*: os bastidores dos serviços secretos internacionais. São Paulo: Contexto, 2013, p. 33.



*fake news* têm um grande poder viral, isto é, espalham-se rapidamente, apelando para o emocional do espectador e fazendo com que as pessoas consumam o material noticioso sem confirmar sua veracidade.

Atualmente vivemos situações crescentes de preocupação no cenário internacional com a disseminação da desinformação, de propaganda e de ataques rotineiros de *fake news*, com grupos se comportando como gangues virtuais e se utilizando de robôs para influenciar a mídia na tentativa de manipulação da opinião pública. O governo da Rússia nega qualquer envolvimento, mas, segundo relatório recente do Senado americano, ciberataques procedentes da Rússia foram identificados ao longo da campanha pela Casa Branca em 2016. No Brasil, a manipulação de informações intensificou-se em tempos de eleição, em 2018.

*Fake news* é hoje muito mais do que um rótulo para informações falsas e enganosas, disfarçadas e divulgadas como notícias. Tornou-se um termo emocional, armado para debilitar, depreciar e enfraquecer a confiança nos governos, criando enorme discórdia entre os Estados. Todos os meios são justificados para enfraquecer o inimigo, confundí-lo e dividir a sociedade. Na atual conjuntura, um grande aumento no volume de informações, associado a um assunto específico e que se multiplica exponencialmente em pouco tempo, tem trazido consequências desastrosas para indivíduos e comunidades. Ao ponto que a Organização Mundial da Saúde (OMS), baseada em evidências, tem reconhecido esse fenômeno como “infodemia”.

Uma democracia em pleno funcionamento depende de um público bem

informado. Se um cidadão estiver mal informado, as decisões tomadas podem não ser do seu melhor interesse e ter consequências adversas. A desinformação é um processo, é isso que a distingue do simples engano ou de uma opinião mal fundamentada. É uma sequência de atos concebidos por alguém com a intenção de manipular as convicções do maior número possível de pessoas, uma cortina de fumaça para tirar o foco de pautas centrais e de maior impacto. Essas cortinas são criadas a partir de desinformação, propaganda e *fake news*. Algo em comum entre as três seria a arte de estratégias de manipulação das massas para fins pretendidos.

Para combater essa arma invisível, primeiro precisamos reconhecê-la pelo que ela é e decifrar sua missão velada, uma vez que é costumeiramente apresentada em vestes civis inócuas.<sup>10</sup> Precisamos estar atentos a um trabalho seminal de leitura no campo das relações humanas, transformações sociais, políticas e culturais que ocorrem nas sociedades, condição *sine qua non* de todos os analistas e estudantes que pretendem entender essa revolução em curso mundial. Ela tem sua maneira de reescrever a história, denigrir instituições, manipular religiões, modificar tradições e construir ou demonizar seus competidores por seus mecanismos: distração, discurso infantilizado, valorizar a ignorância, incentivar introjeção da culpa, monitoramento, mentiras, propagandas, más interpretações de acontecimentos, ilusões, erros e decepções. Esses sistemas são retroalimentados num processo quase infinito.

Em épocas que os esforços se concentram na obtenção de informações e que a inter-relação entre fatores políticos,

10 PACEPA, Mihai Ion e RYCHLAK, Ronald J. *Desinformação: ex-chefe de espionagem revela estratégias secretas para solapar a liberdade, atacar a religião e promover o terrorismo*. Campinas, SP: Vide Editorial, 2015, p. 68.



econômicos, militares, sociais e culturais se tornam cada vez mais complexos, o inimigo se torna global e amorfo. Será que as agências de governo estão em posição de realizar análises realmente integradas, debilitando toda capacidade de segurança, tanto no campo externo como no campo interno, que afetam a segurança nacional ou relaxamos a velha maneira de fazer inteligência do período da Guerra Fria? Há sempre uma aventura no desconhecido. Existe muito trabalho construtivo a produzir algo novo, ampliando as fronteiras do nosso conhecimento. Ao ler uma notícia, cada passo tem que ser dado com atenção cuidadosa para uma coerência lógica, uma progressão sistemática, por meio de avaliação de dados e hipóteses, ou cairemos nas armadilhas da desinformação. O Brasil passou cada vez mais a ser zona de influência de alguns países, e isso se reflete em disputa de poder. Ataques pessoais organizados e grande quantidade de notícias falsas prejudicam a qualidade da informação, comprometendo a paz social, o equilíbrio e a união necessária em torno dos interesses nacionais.

## CONCLUSÃO

O artigo se atreveu a tentar compreender e transmitir de maneira cautelosa um assunto que corre sempre em sigilo de quem ousa empregar essa técnica. A desinformação, que se mascara pelos canais da comunicação, tem sido nos dias de hoje uma ferramenta de engenharia social que abusa da audácia para manipular e elevar a consciência das massas. Delinear toda essa história de caráter informacional, da sua origem aos dias de hoje, como uma forma de manipulação para alcançar seus propósitos, ajuda a desvendar um mundo distante do senso comum e que não pode ser subestimado.

Hoje vivemos em uma sociedade da informação, da comunicação, da tecnologia e da globalização em rede, e com ela vem a dinâmica das relações. O sociólogo polonês Zigmunt Bauman defende a ideia de que a modernidade está líquida, diz respeito a uma nova época em que as relações sociais, econômicas e de produção são frágeis, fugazes e maleáveis e cada vez mais incertas. Entretanto, com o avanço da tecnologia, o que foi feito para unir teimou em partir para separar. Eis o admirável mundo novo que veremos a partir de agora.

A desinformação é a arte de mentir, um conjunto de ações coordenadas que se revela por eventuais verdades para manter o controle da narrativa. Essas práticas informacionais podem ser danosas para a sociedade quando por trás existe um projeto com o propósito de confundir. Aponta-se que devemos acompanhar essas mudanças, como um mediador no acesso à informação, principalmente na era digital, reciclando, sempre que possível, fato a fato em relação a outros para que a desinformação se explicita em uma eventual verdade, divulgando e orientando o telespectador, o ouvinte ou o leitor a respeito dos critérios que os levam a refletir sobre o assunto.

À medida que a desinformação extravasa suas fronteiras em um mundo dito sem fronteiras, amplia-se sua capacidade de real intenção de enganar para ocultar suas atividades e consolidar seu domínio. É preciso estabelecer padrões que avaliem ataques oriundos de fontes que promovem continuamente desinformação, exigindo habilidades técnicas, procedimentos, limitando riscos, antecipando as ameaças, analisando o uso de probabilidades e insistindo nelas constantemente para capacitar nosso sistema.

A Guerra Fria acabou, mas as operações de desinformação parecem ainda

estar em ação, contaminando diversos países até hoje. Tanto EUA como Rússia e China, que lutam por uma supremacia mundial, parecem não ter acabado de ajustar as contas com o passado. O propósito é entender como a desinformação age em uma nova configuração organizacional, principalmente a sociedade em rede, ganhando dimensões jamais vistas com a velocidade da tecnologia e da comunicação. Quantas vezes a gente não ouve dizer que o problema da nossa sociedade atualmente é o excesso de informações? Porém o problema não está no excesso de informações, mas sim na falta de filtro.

As atividades de desinformação exigem mais informações e análise. Suas mudanças ocorrem sem alarde, por canais oficiais, bem estruturadas e muitas vezes por meio de pessoas credenciadas, gabaritadas para tal assunto e chanceladas por órgãos de governo ou pessoas com cargo que dão credibilidade aos fatos. Observar com a convicção de que o certo é o simples fato que foi estabelecido pelos canais de informações tradicionais não é tarefa simples de se debruçar. Olhar tudo o que for informação e ver suas possibilidades de ser ou não ser desinformação vão além da capacidade do senso comum de analisar, classificar e julgar.

Para os analistas mais argutos, a desinformação, diferente de outros processos, se debruça pelo somatório, pela evolução ou pelo contexto social dos fatos econômicos, políticos e culturais. O mundo globalizado foi abalado por um surto inusitado de acontecimentos cujo sentido mais profundo carece de decifração e resulta de um trabalho intelectual permanente, com ênfase em certos meios técnicos, científicos e informacionais. O pensamento crítico sobre o tema, na construção do exercício de identificar a desinformação em seus múltiplos aspectos e espaços,

desenvolve ações que levam profissionais interessados no assunto a refletir sobre as práticas informacionais da desinformação, a fim de expandir de forma colaborativa e cooperativa a discussão do conceito. No mundo em rede global, superconectado em alta velocidade, nosso desafio é desvendar a desinformação, ainda que sem pretensão de êxito pleno.

Quando a informação é detectada como ato de desinformar, a velocidade de reação do órgão atingido deve impedir a propagação de maneira livre pelo destinatário para evitar novas situações. À medida que o tempo passa, o entendimento da desinformação deve ser avaliado no momento de propagação, a tempo de informar a verdade dos fatos contados. Em todas as instâncias de poder existe a necessidade de que se disponha de informações sempre atuais, para que se possa decidir com acerto e oportunidade.

Espera-se que a compreensão do assunto possa ser vital para nosso futuro como nação. Todos os governos, quaisquer que sejam seus matizes ideológicos, necessitam de informações que lhes propiciem, além de segurança física, melhores condições para implementar seus processos decisórios. Verifica-se que os perfis dos novos conflitos e guerras são de baixa intensidade, evitam decisões bélicas e buscam a combinação de tecnologias simultaneamente com um vasto espectro de táticas, técnicas e procedimentos interligados para obtenção de vantagens sobre o oponente, abandonando o modo tradicional de fazer guerra. Vale lembrar que cada período histórico é marcado por organizações sociais, políticas, econômicas, culturais e educacionais próprias. O novo paradigma contemporâneo configura circunstâncias marcadas pela fusão da desinformação, propaganda e *fake news*, apresentando uma alternativa enxuta

para o campo de batalha do século XXI, vocacionando total atenção para atividades militares nas quais as distinções do inimigo se tornam cada vez menos visíveis com esses elementos.

O presente estudo disponibiliza este conteúdo por acreditar que o conhecimento a partir de um pensamento, assim como as relações de poder, se dinamiza na sociedade. O texto constitui uma espécie de estudo sobre a desinformação e também

uma intenção de fomentar o intercâmbio de perspectivas e ideias, impulsionar a investigação em torno do tema e despertar os tomadores de decisão para a importância do assunto, em função das urgências do momento. Refletir e traçar cenários prospectivos é, de longe, a melhor maneira de se preparar para enfrentar as ameaças, e, embora ainda em fase embrionária, esperamos que se possa contribuir para a dinamização e suscitar interesses que animem o debate.

📁 CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:  
<INFORMAÇÃO>; Informação; Inteligência; Opinião Pública;

## REFERÊNCIAS

- ALLEN, Gary. *Política, ideologia e conspirações: a sujeira por trás das ideias políticas que dominam o mundo*. Tradução Eduardo Levy. 1ª ed. Barueri: Faro Editorial, 2007.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- CEPIK, Marco A. C. *Espionagem e democracia: agilidade e transparência como dilemas na institucionalização de serviços de inteligência*. Rio de Janeiro: FGV, 2003.
- CHOMSKY, Noam. *Mídia: Propaganda política e manipulação*. 1ª ed. São Paulo: Tradução WMF, Martins Fontes, 2014.
- COUTINHO, Sérgio, 1932-2011. *A revolução gramscista no ocidente: a concepção revolucionária de Antônio Gramsci em Os Cadernos do Cárceres*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2012.
- FIGUEIREDO, Lucas. *Ministério do Silêncio. A história do serviço secreto brasileiro de Washington Luís a Lula 1927-2005*. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- HARARI, Yuval Noah. *21 lições para o século 21*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- PACEPA, Ion Mihai e RYCHLAK, Ronald J. *Desinformação: ex-chefe de espionagem revela estratégias secretas para solapar a liberdade, atacar a religião e promover o terrorismo*. Tradução de Ronald Robson. Campinas, SP: Vide Editorial, 2015.
- ROYAL, Benoit, 1960. *A guerra pela opinião pública*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2019.
- SERVA, Leão. *Jornalismo e desinformação*. 2ª ed. Rev. atual. São Paulo: Editora Senac, 2001.
- SNOWDEN, Edward. *A eterna vigilância*. Tradução de Sandra Martha Dolinsky. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.
- SNOWDEN, Edward. *Os arquivos Snowden: a história secreta do homem mais procurado do mundo*. Tradução de Alice Klesck e Bruno Correia. Rio de Janeiro: LeYa, 2014.
- UNESCO. *Journalism, fake news & disinformation: Handbook for Journalism Education and Training*. Publicado em 2018 pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.
- WOLOSZYN, André Luís. *Guerra nas sombras: os bastidores dos serviços secretos internacionais*. São Paulo: Contexto, 2013.